

Análise Histórica e Literária: Por uma Metodologia Exegética e comparativa com as versões de tradução em língua portuguesa - Gl 3,1-5

Daniel Brasil Justi¹

<http://lattes.cnpq.br/2597339147062189>

Resumo

O artigo tem por objetivo sugerir uma análise literária em diálogo com uma análise histórica para demonstrar (i) a necessidade de estudo interdisciplinar para o estudioso de documentos antigos; e, (ii) evidenciar as questões que envolvem uma tradução de documentação antiga, no geral, e cristã, no particular. A intenção é demonstrar como as modernas versões do Novo Testamento interpretam e interpolam significados em seus trabalhos e de que forma o estudioso de antiguidade pode desvelar tais filtros de leitura.

Palavras-chave

História, Literatura, Novo Testamento, Gálatas, Traduções modernas, Exegese.

Abstract

The article aims to suggest a literary analysis that dialogues with a historical analysis so as to demonstrate (i) the need for interdisciplinary study for the one who studies ancient documents, and (ii) highlight the issues surrounding the translation of ancient documents, in general, and Christian, in particular. The intention is to demonstrate how the modern versions of the New Testament interpret and interpolate meanings in their work and how the student of antiquity can reveal such filters.

Keywords

History, Literature, New Testament, Galatians, Modern Translations, Exegesis.

¹ Mestre em Teologia Bíblica pela Puc-Rio e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Religião e Poder da UFRJ, sob orientação de André Leonardo Chevitarese.

I. Aspectos Introdutórios

O texto que ora se apresenta tem um objetivo muito simples: propor uma análise exegética do texto de Gálatas 3, 1-5 em conjunto com uma análise literária do mesmo texto tendo por base as traduções em língua portuguesa da perícopes destacada. Essa pequena contribuição quer evidenciar a difícil leitura de interessados na documentação neotestamentária - monoglotas - que oscila entre dois polos básicos: (a) ora ficam reféns de traduções que parecem, em alguns momentos, obscurecer o sentido literal do texto; (b) ora simplesmente enfrentam dificuldades no entendimento do sentido do texto, pois os tradutores de documentos antigos se vêem, eles mesmos, em dificuldades para transpor o sentido literal do texto para outra língua.

Para esse fim, antes de discutir o texto, propriamente dito, convém ressaltar que essa análise exegética cumprirá os passos diretamente relacionados com o escopo do texto proposto. Assim, apenas a tradução literal e crítica textual precederam a avaliação das traduções, os demais passos exegéticos importantes para as implicações dessa análise histórica e literária poderão se conferir em outro momento². O texto em questão, via método exegético³, buscará uma análise detalhada do texto e as discussões pertinentes em torno desse intento.

² Para o estudo completo, ver: JUSTI, Daniel Brasil. *Literatura e Cultura Popular nos Cristianismos Originários: A crença e prática do mau-olhado em Gálatas 3,1-5*. Rio de Janeiro: Klíne, 2012. p.150. No prelo.

³ Egger apresenta, pelo menos, quatro aspectos para leitura ou postura científica diante da exegese bíblica: (i) sob o aspecto sincrônico; (ii) sob o aspecto diacrônico; (iii) sob o aspecto histórico; e, também, (iv) sob o aspecto hermenêutico. (EGGER, 1994). Wegner, por sua vez, identifica, pelo menos, três referenciais metodológicos: (i) método fundamentalista; (ii) método estruturalista; e, (iii) método histórico-crítico; além disso, identifica cinco aspectos para leitura de um texto bíblico: (i) confessional; (ii) histórico-crítico; (iii) estruturalista; (iv) fundamentalista; e, (v) leitura popular da Bíblia. Cada uma dessas posturas, com seus métodos e procedimentos próprios para análise de textos. Dessas leituras, porém, a sincrônica (estruturalista) e a diacrônica (histórico-crítica) divergem quanto ao objeto de estudo, ou seja, o texto. Enquanto que, do ponto de vista sincrônico, "o texto é analisado como uma grandeza estruturada e coerente integrada num processo mais amplo de comunicação" (EGGER, 1994. p.71), do ponto de vista diacrônico, "os textos (...) são o resultado de um prolongado processo de reelaboração e transmissão oral e escrita" (EGGER, 1994. p.156). Assim, sob o ponto de vista sincrônico, que toma o texto como peça acabada e única, o que se quer é perceber como se articulam os elementos desse texto. Seu objetivo é resgatar, *a partir do que está escrito*, quem são os leitores, sobre que tema trata, em que época e onde se dá a interlocução, qual o objetivo desse texto, o que havia de comum na linguagem entre autor e receptor e, por fim, qual a intenção (atual, não no momento em que aconteceu) desse texto. Muito embora esse método de análise estruturalista "clássico" tenha muita relevância do ponto de vista científico, aqui não se adotará essa leitura, pois se acredita, aqui, ser possível resgatar o sentido original do texto, bem como o contexto originário do mesmo. Por isso, sob o ponto de vista diacrônico, a partir de uma exegese histórico-crítica, é que se pretende (re)construir o discurso original do texto e que intenção o autor do mesmo tinha ao produzi-lo, objetivo esse visto como impossível para a leitura estruturalista. Essa opção metodológica se justifica à medida que "os textos neotestamentários são o resultado de um processo de reelaboração e transmissão oral e escrita que se prolongou no tempo" (EGGER, 1994. p.37). Dessa maneira, textos refletem situações singulares, irrepetíveis, mas conservam em si mesmos, os vestígios de sua origem, "para o exegeta, tais observações sobre o texto constituem indícios que lhe permitem percorrer novamente as etapas da formação do texto" (EGGER, 1994. p.41). Não convém ainda, aqui, proceder a uma análise estanque e fragmentada do texto sob o rigor da diacronia. A observação precedente quanto a preferência do método histórico-crítico ao estruturalista situa-se no nível dos pressupostos de acesso ao texto, porém na operacionalização do

II. Segmentação e tradução

Antes de se enunciar qualquer interpretação geral ou específica para o texto paulino de Gálatas, no particular, e de todo texto bíblico, no geral, convém adotar modelos heurísticos que permitam um acesso ao conteúdo de tais escritos. Para isso, sem querer render muitos louvores ao método cartesiano, constitutivo da modernidade, que redundou em uma complexa estratificação do saber científico e consequente olhar por demais estanque dos aspectos sócio-humanos, é mister recorrer a uma divisão do texto em mínimas unidades de significado possíveis.

É sabido que um texto revela seu significado específico quando em diálogo com sua retórica global, assim, “seria sempre pertinente analisar todo o texto neotestamentário em sua íntegra” (EGGER, 1994. p.53), porém abre-se mão aqui da ideia de um *corpus* neotestamentário “fechado”, unívoco. Entende-se aqui que o texto que compõe, hoje, o Novo Testamento no geral e Gálatas, no particular, é resultado de inúmeros processos históricos (produção do cânon em 325 e.c. por Nicéia⁴, por exemplo) e corresponde a muitas harmonizações de experiências particulares dos diversos cristianismos originários na bacia mediterrânica, que não correspondem, necessariamente, a um só texto e a uma só experiência cristã antiga.

A perícopes de Gálatas 3,1:

método, alguns aspectos da sincronia do texto (aspectos formais, relações dos termos dentro do texto, etc) serão úteis à análise histórico-crítica, portanto, diacrônica.

⁴ Muito embora se assuma aqui o evento de Nicéia como determinante para o fechamento do cânon bíblico tal qual se entende hoje, não foi Nicéia o evento precursor para tal elaboração. Diversas tentativas (Papias, 130 e.c., Marcião, 145 e.c., Dionísio de Alexandria, 164 e.c., Tatiano, 170 e.c., Cânone muratoriano, 180 e.c., Irineu, 190 e.c., Clemente de Alexandria, 215 e.c., Tertuliano 220 e.c., Orígenes, 185 a 254 e.c., Eusébio de Cesaréia, 270 e.c., dentre outros) ao longo da história foram conformando o formato que o texto cristão tomou. Esses processos de reelaborações foram considerando diversas etapas ao longo dos tempos para determinar os escritos mais aceitos e usados pelas comunidades cristãs. O fundamental a se destacar aqui são dois aspectos: (a) nenhum texto nasce canônico, só se torna ao longo do tempo de sua recepção, bem como (b) somente depois do III/IV século é que se começa a observar experiências cristãs na bacia do Mediterrâneo onde as comunidades tinham posse do cânon definido tal qual se conhece hoje. Isso implica dizer que a experiência cristã pré-nicena se deu de forma muito mais plural do que pretendem alguns analistas e exegetas modernos ao projetarem suas análises de um cristianismo singular para os primeiros séculos como reflexo da experiência cristã que se tem atualmente. Para uma discussão completa e aprofundada do tema, bem como as fontes de referência para o comentário acima, ver: KOESTER, 2005. p. 1-81; KÜMMEL, 1982. p. 627-712.

Tradução Literal ⁵	Segmento	Texto Grego (UBS, 2001)
Oh, estúpidos Gálatas!	1a	ὦ ἀνόητοι Γαλάται,
Quem vos enfeitizou,	1b	τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν,
diante de cujos olhos	1c	οἷς κατ' ὀφθαλμοὺς
Jesus Cristo foi retratado publicamente	1d	Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη
pregado na cruz?	1e	ἐσταυρωμένος;
Isso somente quero	2a	τοῦτο μόνον θέλω
aprender de vocês:	2b	μαθεῖν ἀφ' ὑμῶν·
como resultado de práticas costumeiras ⁶ ,	2c	ἐξ ἔργων νόμου
o espírito alcançais,	2d	τὸ πνεῦμα ἐλάβετε
ou como resultado de ouvir da fé?	2e	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
Então estúpidos sois	3a	οὕτως ἀνόητοί ἐστε,
começando com espírito,	3b	ἐναρξάμενοι πνεύματι
agora, com carne acabais?	3c	νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;
Em vão experimentais tantas coisas?	4a	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ;
Se, na verdade, em vão.	4b	εἰ γὰρ καὶ εἰκῇ.
Aquele, portanto, que vos provê o espírito	5a	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα
e pratica poder entre vós,	5b	καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν,
vem da prática costumeira	5c	ἐξ ἔργων νόμου
ou vem de ouvir da fé?	5d	ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;

Tabela 1: Segmentação e Tradução de Gálatas 3,1-5

⁵ Tradução literal seguindo os princípios de equivalência formal e dinâmica (WEGNER, 1998. p.28-33).

⁶ A opção por não traduzir νόμου como "Lei" ou "lei" é proposital para que não se confunda o termo com a Torah, tal qual ocorre na maioria das vezes no texto neotestamentário. O que se quer defender aqui é que o termo não está em diálogo (por oposição) aos praticantes da Torah, tendo em vista que não há cristãos nesse momento de século I, apenas judeus. Por essa razão seria bastante óbvio o emprego por parte de Paulo se referindo à Torah. O que o ambiente semântico dessa palavra quer indicar são as diversas práticas costumeiras de adesão ao judaísmo por meio de ritos prosélitos.

Em princípio, essa é a tradução literal aqui considerada como a mais próxima do texto original grego, mais adiante, comentários mais detalhados serão expostos sobre as opções de tradução.

III. Crítica Textual

Para a execução desse passo metodológico convém, antes, algumas observações sobre o procedimento da crítica textual e o tratamento exegético que estudiosos conferem ao texto. Alguns pressupostos são básicos e consensuais⁷: (a) existiu um texto autógrafo para cada escrito do Novo Testamento, no geral e para Gálatas no particular; (b) a exegese, por meio de seus passos metodológicos, quer recuperar o evento fundante desses textos autógrafos.

O processo de composição, redação, acréscimos e sucessivas cópias foram “assumidos e transformados em um processo gradual de elaboração viva” (SMITMANS, 1974. p.203). Dessa forma, o que é imperativo para esse trabalho assumir é a dimensão de não reconstrução do texto neotestamentário de Gálatas original que esteve presente no *corpus* antigo do Novo Testamento, pois esse é produto do IV século e.c. mas, antes, entender como diversas comunidades experimentaram sua fé particular a partir de cada texto, nesse caso específico, o texto de Paulo aos Gálatas.

Com isso, não é primordial que se busque “o” texto original sobre o qual se fundamentou a compreensão de pré-cristandade que as comunidades mediterrânicas experimentaram, mas perceber que, dada a variedade de escritos, é preciso referir-se a “cristianismos” e não projetar uma “unidade” canônica que se pensa hoje para aqueles tempos primevos.

Para a perícopes de Gl 3,1-5, a edição grega de NESTLE-ALAND, 1995 apresenta as seguintes variantes do texto⁸:

⁷ Muito embora haja diferentes formas de aproximação ao texto bíblico, dificilmente um estudioso do proto-cristianismo, seja teólogo, historiador, etc. negará esses dois pressupostos básicos (mesmo os estruturalistas-subjetivistas que, nesse caso, não abrem mão de um texto autógrafo e uma autoria real, palpável). Para o quadro conceitual de leitura dos textos bíblicos, bem como critérios de aproximação para o mesmo, que esse texto segue, ver: RIBEIRO, 2005.

⁸ É curioso notar que nenhuma das quatro edições do **The Greek New Testament** (UBS) traz variantes para essa perícopes, ou mais especificamente o v.1.

3,1⁹ Ω ἀνόητοι Γαλάται, τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν^T, οἷς κατ' ὀφθαλμοῦς
Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη^T ἑσταυρωμένος;

P (5,7) τη αληθεια μη πειθεσθαι C D² Ψ 0278. 33^c. 1881 ʒ vg^{cl} sy^h; Hier^{mss} | txt **N** A B D* F
G 6. 33*. 81. 630. 1739 pc lat sy^p co; Hier^{mss} | B εν υμιν D F G 33^c ʒ it vg^{cl} sy^h | txt **N** A B C P Ψ
0278. 33*. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241^s. 1739. 1881. pc f r vgst co.

Após a leitura do aparato crítico, segue avaliação das variantes.

Leitura da variante 1:

[a] ⁹ P (5,7) τη αληθεια μη πειθεσθαι C D² Ψ 0278. 33^c. 1881 ʒ vg^{cl} sy^h; Hier^{mss} |

[b] ¹⁰ txt **N** A B D* F G 6. 33*. 81. 630. 1739 pc lat sy^p co; Hier^{mss} |

Para a avaliação das variantes presentes no verso 1, opta-se pelos critérios: internos e externos (WEGNER, 1998. p.47; EGGER, 1994. p.49):

Variante 1: a inclusão ou omissão da variante apresentam os seguintes quadros:

[a] Inclusão da expressão τη αληθεια μη πειθεσθαι: C D² Ψ 0278. 33^c. 1881 ʒ vg^{cl} sy^h; Hier^{mss} |

⁹ Neste ponto há a inserção (proveniente de Gl 5,7) da expressão τη αληθεια μη πειθεσθαι (para que não obedeça à verdade). Essa atestação é testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos alexandrinos C (século V e.c.), Ψ (século IX/X e.c.) e 0278 (século IX e.c.) e no ocidental D, segunda correção do editor, (século VI e.c.). Nos manuscritos minúsculos 33 (século IX e.c.) em sua correção primária ou posterior e, também, no 1881 (século XIV e.c.). Além de apoiado pela maioria de manuscritos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.)⁹. Há ainda o testemunho das versões Vulgata (edição clementina de 1592) e Siríaca (edição heracleana do século VII e.c.). Por fim, testemunhado também por Jerônimo, que atestou conhecer manuscritos que ratificam essa leitura (século V e.c.).

¹⁰ A variante do texto, porém, escolhida pela comissão (NESTLE-ALAND, 1995) é testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos alexandrinos a (século IV e.c.), A (século V e.c.) e B (século IV e.c.) além dos ocidentais D original, diferente de suas cópias (século V e.c.), F (século IX e.c.) e G (século IX e.c.). Nos manuscritos minúsculos 6 (século XIII e.c.), 33 original, diferente de suas cópias (século XI e.c.), 81 (século XI e.c.), 630 (século XII/XIII e.c.) e 1739 (século X e.c.). Além de divergir muito pouco da maioria de manuscritos apoiado por todos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.). Há ainda o testemunho dos manuscritos latinos e da Vulgata (séculos IV e V e.c.), da versão siríaca Peshita (século V e.c.) e todos os manuscritos da versão copta (século III e.c.). Testemunhado também por Jerônimo, que atestou conhecer manuscritos que ratificam essa leitura (século V e.c.).

Documento	Data		Origem
C	Maiúsculo	século V e.c.	Alexandrino
D ²		século VI e.c.	Ocidental
Ψ		século IX/X e.c.	Alexandrino
0278		século IX e.c.	Alexandrino
33 ^c	Minúsculo	século IX e.c.	Alexandrino
1881		século XIV e.c.	Koiné ou Bizantino
Ϟ	século IV e.c.		Koiné ou Bizantino
vg ^{cl}	Versão de 1592		Ocidental
sy ^h	Versão do século VII e.c.		Ocidental
Hier ^{mss}	Século V e.c.		Ocidental

Tabela 4a: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

[b] Omissão (=txt): Ϟ A B D* F G 6. 33*. 81. 630. 1739 *pc* lat sy^p co; Hier^{mss}

Documento	Data		Origem
Ϟ	Maiúsculo	século IV e.c.	Alexandrino
A		século V e.c.	Alexandrino
B		século IV e.c.	Alexandrino
D*		século V e.c.	Ocidental
F		século IX e.c.	Ocidental
G		século IX e.c.	Ocidental
6	Minúsculo	século XIII e.c.	Koiné ou Bizantino
33*		século XI e.c.	Koiné ou Bizantino
81		século XI e.c.	Alexandrino
630		século XII/XIII e.c.	Koiné ou Bizantino
1739		século X e.c.	Alexandrino
<i>pc</i>	Século IV e.c.		Koiné ou Bizantino
lat	Versão do séculos IV e V e.c.		Ocidental

sy ^p	Versão do século V e.c.	Ocidental
co	Versão do século III e.c.	Ocidental
Hier ^{mss}	Século V e.c.	Ocidental

Tabela 4b: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

Do ponto de vista da *evidência externa*, tem-se:

(i) quantidade: a omissão da expressão conta com grande maioria de manuscritos mais antigos; (ii) idade: os manuscritos com idade mais antiga são os que omitem a expressão; (iii) tipo de texto: ainda, a omissão é atestada por muitos textos de origem alexandrina o que indica sua “brevidade e neutralidade estilística” (WEGNER, 1998. p.47). Por fim, também a variante que considera a omissão apresenta maior expansão geográfica, o que indica preferência para a leitura do texto.

Do ponto de vista da *evidência interna*, tem-se:

(i) a brevidade e facilidade na omissão da expressão deve ser considerada a mais próxima ao original, uma vez que a tendência de copistas é sempre facilitar a leitura, não dificultá-la. Logo, a expressão acrescida parece querer explicar o texto, o que configura um acréscimo posterior; (ii) o acréscimo da expressão citada quer harmonizar o conteúdo de Gl 3,1 com o de Gl 5,7, assim a variante que não busca essa harmonia com textos paralelos deve ser preferida.

Desses passos, conclui-se que a opção da comissão de NESTLE-ALAND, 1995 em omitir a expressão *τη αληθεια μη πειθεσθαι* é a mais apropriada.

Para a avaliação das variantes presentes no verso 1, opta-se pelos critérios: internos e externos (WEGNER, 1998. p.47; EGGER, 1994. p.49):

Leitura da variante 2:

[a]¹¹ ^B εν υμιν D F G 33^c 81 it vg^{cl} sy^h |

[b]¹² *txt* **N** A B C P Ψ 0278. 33*. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241^s. 1739. 1881. *pc f r* vgst co.

¹¹ Neste ponto, há a inserção de *εν υμιν* (para vocês), essa variante, dessa mesma forma, ocorre muitas vezes dentro do aparato crítico. Essa forma no texto está testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos ocidentais D (século VI e.c.), F (século IX e.c.) e G (século IX e.c.). Além de estar testemunhada também no minúsculo 33 (século IX e.c.) em sua correção primária ou posterior. É também apoiado pela maioria de manuscritos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.). Há também a ocorrência dessa forma em três traduções, a maioria dos manuscritos latinos antigos (entre os séculos IV e XV e.c.), a Vulgata (edição clementina de 1592) e Siríaca (edição heracleana do século VII e.c.).

¹² A variante do texto, porém, escolhida pela comissão (NESTLE-ALAND, 1995) é testemunhada pelos manuscritos escritos sobre pergaminho, com letras maiúsculas, nos alexandrinos a (século IV e.c.), A (século V e.c.), B (século IV e.c.), C (século V e.c.), P (século IX e.c.), Ψ (século IX/X e.c.) e 0278 (século IX e.c.). Bem como nos minúsculos 33 original, diferente de suas cópias (século XI e.c.),

Variante 2: a inclusão ou omissão da variante apresentam os seguintes quadros:

[a] Inclusão: ^β εν ὑμῖν D F G 33^c ℣ it vg^{cl} sy^h

Documento	Data		Origem
D	Maiúsculo	século VI e.c.	Ocidental
F		século IX e.c.	Ocidental
G		século IX e.c.	Ocidental
33 ^c	Minúsculo	século IX e.c.	Koiné ou Bizantino
℣		século IV e.c.	Koiné ou Bizantino
it	Versão séculos IV e XV e.c.		Ocidental
vg ^{cl}	Versão de 1592		Ocidental
sy ^h	século VII e.c.		Ocidental

Tabela 4c: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

[b] Omissão: (=txt) ℵ A B C P Ψ 0278. 33*. 81. 104. 365. 630. 1175. 1241^s. 1739. 1881. *pc*

f r vgst co.

Documento	Data		Origem
ℵ	Maiúsculo	século IV e.c.	Alexandrino
A		século V e.c.	Alexandrino
B		século IV e.c.	Alexandrino
C		século V e.c.	Alexandrino
P		século IX e.c.	Alexandrino
Ψ		século IX/X e.c.	Alexandrino

81 (século XI e.c.), 104 (século XI e.c. em 1087), 365 (século XIII e.c.), 630 (século XIV e.c.), 1175 (século X e.c.), 1241 (século XII e.c.) em seu manuscrito secundário, ou seja, com acréscimos posteriores em relação ao original, 1739 (século X e.c.), 1881 (século XVII e.c. em 1668). Além de divergir muito pouco da maioria de manuscritos apoiado por todos do tipo Koiné ou Bizantino (revisão de Luciano de Antioquia no século IV e.c.). Há ainda atestação dessa forma nas versões dos manuscritos latinos avulsos (séculos VI e VII e.c.), Vulgata na edição Stuttgartiensis (primeira edição em 1983) e em todos os manuscritos da versão copta (século III e.c.).

0278		século IX e.c.	Alexandrino
33*	Minúsculo	século XI e.c.	Koiné ou Bizantino
81		século XI e.c.	Koiné ou Bizantino
104		século XI e.c.	Koiné ou Bizantino
365		século XIII e.c.	Koiné ou Bizantino
630		século XIV e.c.	Koiné ou Bizantino
1175		século X e.c.	Koiné ou Bizantino
1241 ^s		século XII e.c.	Koiné ou Bizantino
1739		século X e.c.	Alexandrino
1881		século XVII e.c.	Koiné ou Bizantino
<i>pc</i>		Século IV e.c.	Koiné ou Bizantino
f	Latino avulso	séculos VI e VII e.c.	Ocidental
r			Ocidental
vg st	Versão de 1983		Ocidental
co	Versão do século III e.c.		Alexandrino

Tabela 4d: Variantes textuais presentes em Gálatas 3,1

Do ponto de vista da *evidência externa*, tem-se:

(i) quantidade: a omissão da expressão conta com grande maioria de manuscritos mais antigos; (ii) idade: os manuscritos com idade mais antiga são os que omitem a expressão; (iii) tipo de texto: ainda, a omissão é atestada por muitos textos de origem alexandrina o que indica sua “brevidade e neutralidade estilística” (WEGNER, 1998. p.47). Por fim, também a variante que considera a omissão apresenta maior expansão geográfica, o que indica preferência para a leitura do texto.

Do ponto de vista da *evidência interna*, tem-se:

(i) a brevidade e facilidade na omissão da expressão deve ser considerada a mais próxima ao original, uma vez que a tendência de copistas é sempre facilitar a leitura, não dificultá-la. Logo, a expressão acrescida parece querer explicar o texto, o que configura um

acréscimo posterior; (ii) pode-se dizer, ainda, que o acréscimo ao texto o torna mais aperfeiçoado, do ponto de vista linguístico, por isso a leitura que omite esses termos deve ser a preferida.

Desses passos, conclui-se que a opção da comissão de NESTLE-ALAND, 1995 em omitir a expressão $\epsilon\nu\ \acute{\upsilon}\mu\iota\nu$ é a mais apropriada.

Ao fim dos passos apropriados para a crítica textual, duas conclusões emergem: (a) trata-se de uma perícope (Gl 3,1-5) estabelecida como possivelmente o autógrafo tal qual determinado até aqui; (b) o fato de se estabelecer um texto possivelmente autógrafo para essa perícope não exclui o fato dela ter sido compreendida de maneiras distintas a essa agora estabelecida, implica dizer, certamente comunidades em torno de manuscritos que apresentavam uma variante em detrimento da outra experimentaram uma faceta do proto-cristianismo de maneira particular, seja apenas com os escritos paulinos ou evangélicos ou outro "cânon" que hoje se desconhece.

Com isso, mesmo após o esforço de buscar o estabelecimento de um texto autógrafo, não se silencia as demais expressões do mesmo texto com outras leituras (vide, como exemplo, os documentos citados nas tabelas acima que testemunham leituras diferentes para a mesma perícope). Isso é de fundamental importância quando considerado o verbo $\beta\alpha\sigma\kappa\acute{\alpha}\lambda\iota\nu\omega$ ¹³.

IV. Análise das traduções/versões em língua portuguesa

Agora, passa-se a observar, as traduções dessa perícope em língua portuguesa¹⁴ e, a seguir, comentários analíticos sobre a mesma comparação. O objetivo desse quadro comparativo será o de identificar a natureza dessas traduções segundo os seguintes critérios:

¹³ Por não se tratar do escopo deste texto, a análise para esse verbo não está completa aqui, mas pode-se ter ao ler JUSTI, Daniel Brasil. *Literatura e Cultura Popular nos Cristianismos Originários: A crença e prática do mau-olhado em Gálatas 3,1-5*. Rio de Janeiro: Klíne, 2012. p.150. No prelo. Basta que se veja mais adiante como certas traduções optam por "fascinar" e não "enfeitiçar" nas traduções e como isso obscurece o sentido original do termo.

¹⁴ As versões escolhidas para comparação serão (obedecendo os seguintes critérios): BJ, 2002 (versão autorizada pela Igreja Católica); ARA, 1993 (versão autorizada pela maioria das igrejas protestantes); NTI, 2003 (versão interlinear do Novo Testamento disponível em português); NTLH, 2000 (versão que parafraseia a tradução para o português baseada na versão de João Ferreira de Almeida).

“(i) se há omissão de termos ou expressões do original grego; (ii) se há acréscimos de termos ou expressões do original grego; (iii) se há modificação ou substituição de termos ou expressões do original grego”. (WEGNER, 1998. p.33).

v.	Versão	Texto
1	UBS	Ὡ ἀνόητοι Γαλάται, τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν, οἷς κατ’ ὀφθαλμοὺς Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη ἐσταυρωμένος ;
	Literal	Oh, estúpidos Gálatas! Quem vos enfeitiçou, diante de cujos olhos Jesus Cristo foi retratado publicamente pregado na cruz?
	BJ	Ὁ Γάλατας insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado?
	ARA	Ὁ γάλατας insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?
	NTI	Ὁ sem siso gálatas quem vos enfeitiçou, aos quais segundo olhos Jesus Cristo foi grafado diante tendo sido crucificado?
	NTLH	Ὁ γάλατας sem juízo! Quem foi que enfeitiçou vocês? Na minha pregação a vocês eu fiz uma descrição perfeita da morte de Jesus Cristo na cruz; por assim dizer, vocês viram Jesus na cruz.
v.	Versão	Texto
2	UBS	τοῦτο μόνον θέλω μαθεῖν ἀφ’ ὑμῶν· ἐξ ἔργων νόμου τὸ πνεῦμα ἐλάβετε ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
	Literal	Isso somente quero aprender de vocês: como resultado de práticas costumeiras, o espírito alcançais, ou como resultado de ouvir da fé?
	BJ	Só isto quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito ou pela adesão à fé?
	ARA	Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?
	NTI	Isto unicamente desejo aprender de vós: de obras de Lei o Espírito recebestes ou de ouvida da fé?
	NTLH	Respondam somente isto: vocês receberam o Espírito de Deus por terem feito o que a lei manda ou por terem ouvido a mensagem do evangelho e terem crido nela?
v.	Versão	Texto
	UBS	οὕτως ἀνόητοί ἐστε, ἐναρξάμενοι πνεύματι νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;
	Literal	Então estúpidos sois começando com espírito, agora, com carne

3		acabais?
	BJ	Sois tão insensatos que, tendo começado com o espírito, agora acabais na carne?
	ARA	Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?
	NTI	Assim sem siso sois? Tendo começado em por Espírito agora por carne terminais sobre?
	NTLH	Como é que vocês podem ter tão pouco juízo? Vocês começaram a sua vida cristã pelo poder do Espírito de Deus e agora querem ir até o fim pelas suas próprias forças?
v. Versão		Texto
4	UBS	τοσαῦτα ἐπάθετε εἰκῇ; εἶ γε καὶ εἰκῇ.
	Literal	Em vão experimentais tantas coisas? Se, na verdade, em vão.
	BJ	Foi em vão que experimentastes tão grandes coisas? Se é que foi em vão!
	ARA	Terá sido em vão que tantas coisas sofrestes? Se, na verdade, foram em vão.
	NTI	Tantas haveis sofrido em vão? Se, certamente, também em vão.
	NTLH	Será que as coisas pelas quais vocês passaram não serviram para nada? Não é possível!
v. Versão		Texto
5	UBS	ὁ οὖν ἐπιχορηγῶν ὑμῖν τὸ πνεῦμα καὶ ἐνεργῶν δυνάμεις ἐν ὑμῖν, ἐξ ἔργων νόμου ἢ ἐξ ἀκοῆς πίστεως;
	Literal	Aquele, portanto, que vos provê o espírito e pratica poder entre vós, vem da prática costumeira ou vem de ouvir da fé?
	BJ	Aquele que vos concede o Espírito e opera milagres entre vós o faz pelas obras da Lei ou pela adesão à fé?
	ARA	Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?
	NTI	O, portanto, que vos supre o Espírito e Que opera em poderes entre vós de obras de Lei ou de ouvida de fé?
	NTLH	Será que, quando Deus dá o seu Espírito e faz milagres entre vocês, é porque vocês fazem o que a lei manda? Não será que é porque vocês ouvem a mensagem e crêem nela?

Tabela 2: Comparação entre traduções bíblicas para a perícopes de Gálatas 3,1-5

A partir do quadro exposto e do texto grego como referencial, além dos critérios de avaliação acima mencionados para comparar as traduções (WEGNER, 1998), é possível estabelecer alguns comentários acerca das traduções listadas:

V.	Seg.	Avaliação
1	a	Não há omissão, acréscimo, modificação ou substituição dos termos originais em nenhuma das versões. Apenas varia ἀνόητοι mas o sentido original é preservado.
	b	Não há omissão, acréscimo, modificação ou substituição dos termos originais em nenhuma das versões. O termo ἐβάσκανεν que recebe diferentes conotações: fascínio (BJ, ARA) ou feitiço (NTI, NTLH).
	c	A NTLH entende οἷς κατ' ὀφθαλμοὺς como "vocês viram" e acrescenta, a fim de ordenar o texto, "por assim dizer".
	d	Nesse segmento há a maior variação quanto ao sentido de προεγράφη. BJ traz "desenhada a imagem" como uma boa idéia do termo original. ARA falha em iluminar o sentido original do termo. NTI opta por "grafado", até traz o sentido original, mas de maneira pobre. NTLH opta por "descrição perfeita" e acrescenta "na minha pregação", deixando de ser tradução e passando a interpretação.
	e	O verbo ἐσταυρωμένος não é captado por nenhuma versão. A omissão da ênfase na crucificação limita a compreensão do segmento. A BJ insere uma nota explicativa remetendo o leitor a outros textos de Paulo denotando uma indução doutrinária na interpretação.
2	a	A NTI suaviza o verbo θέλω traduzindo-o por "desejo", essa acepção do verbo não traduz sua ênfase. NTHL omite o termo.
	b	BJ e ARA traduzem o verbo μαθεῖν como "saber", quando o sentido literal indica "aprender". NTLH substitui por "respondam".
	c	O termo νόμου é traduzido pela BJ e NTI como "Lei", indicando referência de Paulo a Torah, evidenciando assim, uma interpretação do texto. A ARA e NTHL traduzem o termo com letra minúscula, preservando o sentido do termo original.

	d	Todas as versões traduzem o verbo ἐλάβετε por “receber ¹⁵ ”. O substantivo πνεῦμα tem letra maiúscula em todas as versões, o que parece indicar alusão à grandeza teológica “Espírito Santo”.
	e	O termo ἀκοῆς é entendida como: “aderir” (BJ), “pregação” (ARA), “ouvir” (NTI e NTLH). O sentido original é “ouvir”, BJ e ARA interpretam o sentido, enquanto que a NTHL acrescenta “mensagem do evangelho”.
3	a	Não há omissão, acréscimo, modificação ou substituição dos termos originais em nenhuma das versões.
	b	O termo πνεύματι é entendido pela BJ como “espírito” com letra minúscula, indo de encontro à sua tradução de 2d, enquanto que as demais mantêm a letra maiúscula do mesmo segmento. A NTHL acrescenta “vida cristã pelo poder do Espírito de Deus”.
	c	A ARA substitui o sentido de τελεισθε por “aperfeiçoando”, o que não corresponde ao sentido original. E a NTHL entende sarki. como “suas próprias forças”, mudando também o sentido original.
4	a	A BJ traduz ἐπάθετε (aoristo) no perfeito, ARA traduz também no perfeito, mas ao invés de “experimentar”, opta pelo verbo “sofrer”. Também a NTI entende o verbo como “sofrer”. A NTHL omite τοσαῦτα.
	b	A NTHL acrescenta ao texto original “não é possível!” no lugar da expressão εἰ γε καὶ εἰκῇ.
5	a	A BJ não traduz a partícula enfática οὖν. Além de traduzir o termo ἐπιχορηγῶν como “conceder”, tal como a ARA. A NTHL, por sua vez, traduz o termo como “dar o seu...” e acrescenta “deus” no texto original.
	b	A BJ, ARA e NTHL entendem δυνάμεις como “milagres”.
	c	Para o termo νόμου a BJ e NTI traduzem como “Lei”, já a ARA e a NTHL como “lei”. A ARA acrescenta o conectivo “porventura”, não presente no texto original. E a NTHL acrescenta ao texto original “porque vocês fazem”.
	d	A BJ entende ἀκοῆς como “adesão”, a ARA como “pregação” e a NTHL como “ouvir a mensagem”. A NTHL, ainda, entende πίστewς como

¹⁵ Parece tratar-se, aqui, de um típico caso de leitura doutrinária do texto, pois, conforme será explorado mais adiante, o verbo aqui, em seu contexto, parece indicar o sentido de “alcançar”, ou seja, algo deve ser feito para que seja dado alguma coisa. O sentido que as versões imprimem ao verbo aqui querem indicar que há somente a recepção simples.

	"crer" na mensagem.
--	---------------------

Tabela 3: Avaliação entre traduções bíblicas para a perícope de Gálatas 3,1-5

Como conclusão, percebe-se que, para Gálatas 3,1-5, as versões caracterizam-se por:

BJ: do ponto de vista da omissão de termos presentes no texto grego, somente em 5a a partícula enfática não é traduzida. Essa pequena omissão altera pouco o andamento do texto, mas suaviza a argumentação do texto em prol de uma posterior enunciação doutrinária no texto.

Não há qualquer acréscimo de termos na tradução que não estejam presentes no texto grego, apenas em 1e uma nota explicativa à tradução parece induzir a interpretação da perícope em termos de outro texto paulino (indicação doutrinária). Porém, as substituições e/ou modificações que emprega em alguns termos foge um pouco da competência da tradução, tornando-se assim uma interpretação, como em: 1b ("feitiço" por "fascínio", suavização do termo original), 2b ("saber", por "aprender", "saber" implica interação, enquanto que "aprender", demanda uma ação única daquele a quem é interpelado), 2e e 5d ("aderir" por "ouvir", o que constitui uma modificação em relação ao texto original, pois o que o texto quer indicar é o simples fato de "ouvir", "aderir" implica em um passo ulterior).

O que constitui maior problema na tradução dessa versão é a tradução de νόμος por "Lei" em 2c e 5c, essa tradução já quer indicar uma leitura referente à Torah, identificando como opositores de Paulo todo e qualquer aderente ao judaísmo. Essa interpretação foge à competência da tradução, pois agrega ao texto original uma informação a mais. De semelhante forma, o termo πνεύμα é traduzido em 3b por "espírito" indicando um aspecto corriqueiro ao termo, porém em 2d e 5a o mesmo termo é entendido como "Espírito", o que alude à entidade "Espírito Santo", conferindo assim, também, um sentido interpretativo para além do texto original.

Há, também, em 5b, a tradução de δυνάμεις por "milagres", interpretando o sentido do termo original. Essa tradução pode ser avaliada como uma boa tradução, excetuando-se os poucos casos em que parece indicar uma interpretação doutrinária durante a tradução do texto.

ARA: não há qualquer alteração significativa, do ponto de vista da omissão de termos presentes no texto grego. Tão pouco, há qualquer acréscimo de termos na tradução que não estejam presentes no texto grego. Porém, as substituições e/ou modificações que emprega em alguns termos foge um pouco da competência da tradução, tornando-se assim

uma interpretação, como em: 1b (“feitiço” por “fascinar”, o que suaviza o sentido original do termo); 1d (“exposto” no lugar de “retratado publicamente”, deixa a desejar na ênfase dada pelo verbo grego); 2b (tal como a BJ, a substituição de “saber” por “aprender” traz problemas à compreensão, pois “saber” implica interação, enquanto que “aprender”, demanda uma ação única daquele a quem é interpelado); 2e e 5d (“ouvir” por “pregação” é uma interpretação na tradução, mesmo que quem ouça, escute alguma coisa, mas o texto original não diz o que se ouve); 3c (“aperfeiçoar” no lugar de “acabar, terminar” difere muito do sentido original grego); 4a (traduzir “experimentar” por “sofrer” implica em uma leitura muito mais ampla do que a perícopes permite, constituindo-se, assim, interpretação do vocábulo original); 5b (entender “poder” como “milagres”, denota um construto teológico sobre o termo grego que excede os limites da perícopes).

Há, ainda, os casos dos segmentos referentes aos vocábulos “lei” e “espírito”, pois em 2c e 5c a ARA é precisa em traduzir νόμος com letra minúscula, enquanto que em 2d, 3b e 5a a opção foi pela tradução de πνεύμα com letra maiúscula, referendando, assim, o ente teológico “Espírito Santo”, o que o texto original não parece indicar. Essa versão caracteriza-se, majoritariamente, por não omitir ou acrescentar elementos na tradução que não pertençam ao texto grego original. Porém, modifica ou substitui intensamente os termos gregos por outros causando certa divergência entre a tradução e o que está presente no texto original.

NTI: talvez por se tratar de uma versão interlinear do texto grego vertida ao português, não há qualquer omissão ou acréscimo de termos em relação ao texto original. Porém, algumas modificações aparecem na tradução: 1d e 1e (προεγράφη e ἐσταυρωμένος são traduzidos, somente, por “grafado”, isso compromete a ênfase aguda que o autor de Gálatas quer dar ao termo); 2a (θέλω por “desejo”, mais uma vez, suaviza a ênfase que o autor de Gálatas quer dar ao verbo); 4a (ἐπάθετε é traduzido por “sofrer”, quando na verdade o contexto original quer indicar “experiência”).

Sobre os casos dos segmentos referentes aos vocábulos “lei” e “espírito”, 2c e 5c essa versão, tal qual a BJ, entende νόμος com letra maiúscula, também em 2d, 3b e 5a a opção foi pela tradução de πνεύμα com letra maiúscula, referendando, assim, o ente teológico “Espírito Santo”, o que o texto original não parece indicar. Trata-se de um bom texto interlinear, mas ainda sim segue uma tendência em interpretar o texto no momento da tradução para além do que o material original quer indicar.

NTLH: é sabido que essa versão tem por objetivo ser uma “tradução dinâmica” (WEGNER, 1998. p.30-33 *passim*), porém alguns limites não de ser considerados nesse

processo. Assim, identifica-se omissão de termos presentes no texto original em duas ocasiões: 2a (θέλω) e 4a (τοσαῦτα), mas não há alteração de sentido, ocorre a omissão em virtude da adequação da tradução.

Há, ainda, um número razoável de acréscimos: 1c (“por assim dizer, vocês viram”, já indica, em si, uma interpretação do que está no texto original, mas pouco altera a compreensão do texto); 1d (“descrição perfeita na minha pregação”, também pouco altera o entendimento, só exagera no acréscimo de “pregação”, pois é uma inferência que se faz a partir do texto original); 3b (“vida cristã pelo poder do Espírito de Deus” é um acréscimo grosseiro ao texto original, sequer encontra base esse acréscimo na leitura paralela de outra versão em português); 4b (“não é possível” substitui uma colocação – quase pergunta – retórica do autor de Gálatas que não corresponde ao sentido original do texto); 5a (“quando Deus dá seu Espírito”, acrescenta “Deus” que não está no texto original e interpreta o sentido de “espírito”, bem como a dádiva desse espírito e não provisão, como o texto original indica).

Essa versão também modifica o texto substancialmente, quando em 3c traduz σαρκί por “suas próprias forças”, pois o texto parece indicar que a oposição se estabelece na condição de “carne, materialidade” *versus* “espírito, não materialidade”. Em 5d reduz o sentido do termo grego a crer, mas o contexto original quer atribuir o sentido de fé. Quanto ao sentido de “lei”, o segmento 2c o traduz com letra minúscula, enquanto que 5c com maiúscula, uma escolha inexplicável. E, finalmente, sobre “espírito”, todas as vezes que aparece no texto, é grafada em letra maiúscula, indicando a grandeza teológica “Espírito Santo” que, em 3b, é harmonizado com “espírito de Deus”. Por ser uma versão baseada em outras edições do texto em português, procede dessa maneira, porém há que se reconhecer que esse procedimento não pode comprometer tanto a leitura global da perícopes, seja ela qual for.

V. Apontamentos conclusivos

Diante dessa análise proposta e quanto à metodologia adotada, elementos devem ser apontados:

- (i) Sugere-se uma metodologia de análise literária à medida que o texto é segmentado em perícopes, posteriormente em pequenas unidades de

significado (segmentos) a fim de “evidenciar os detalhes mais negligenciados, menos perceptíveis” (GINZBURG, 2007);

- (ii) Sugere-se uma metodologia história de levar em conta os significados do termos à luz de sua inserção conceitual dentro do que se está em pauta no texto selecionado. Assim, deixa-se de fazer apenas uma mera tradução, mas passa-se a efetuar um diálogo interdisciplinar com a análise literária a fim de observar que sentido os termos empregados carregam a partir de sua realidade discursiva;
- (iii) A partir dessa crítica textual recupera-se textos (ou testemunhas escritas) de leituras diferentes que foram efetuadas ao longo da história por diversas comunidades que se serviram do texto. Assim, afasta-se a ideia de que somente um texto autógrafo foi copiado sucessivamente, conferindo assim um caráter singular de experiências religiosas, em favor de uma leitura plural onde diversos testemunhos escritos registraram sua compreensão acerca daquele texto, ainda que essas variantes, eventualmente, não alterassem o andamento da compreensão global da perícopes. Nesse exemplo, tomado de Gálatas, em alguns casos o sentido variante pouco afeta a compreensão, porém em casos como o do verbo βασιλεύω e dos substantivos νόμος e πνεῦμα a alteração é significativa.

Esse percurso se torna imperativo ao estudioso de temas ligados ao ambiente da documentação antiga por duas razões básicas (e por isso esse texto teve sua gênese): (a) as comunidades que têm esses textos como normativos, bem como leitores não religiosos que do texto se aproximam, muitas vezes ficam alijadas de uma leitura mais precisa do ambiente originário do texto; (b) é recorrente a tentativa de tradutores, em um primeiro momento, e intelectuais dos mais diversos campos do saber, em um segundo momento, a constante interpretação e atribuição de significados conceituais aos termos que se distanciam de seus contextos originários pelas mais diversas razões possíveis. Assim, cabe ao cientista que deles se aproxima ter o cuidado de desvelar tal processo.

VI. Referências Bibliográficas

6.1. Textos Antigos

BÍBLIA. Novo Testamento. Gálatas. Português. **Bíblia Sagrada**. Versão de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Cap. 3, vv. 1-5. (ARA)

BÍBLIA. Novo Testamento. Gálatas. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3, vv. 1-5. (BJ)

BÍBLIA. Novo Testamento. Gálatas. Português. **Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. Cap. 3, vv. 1-5. (NTLH)

NOVO TESTAMENTO. Gálatas. Grego/Português. **Novo Testamento Interlinear**. Versão de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. Cap. 3, vv. 1-5. (NTI)

NOVO TESTAMENTO. ΠΟΡΣ ΓΑΛΑΤΑΣ. Grego. **The Greek New Testament**. ALAND, Kurt, *et alli*. London: United Bible Society, 1966 (1ª edição), 1968 (2ª edição), 1975 (3ª edição) e 1983, 2001 (4ª edição). Cap. 3, vv. 1-5. (UBS)

NOVO TESTAMENTO. ΠΟΡΣ ΓΑΛΑΤΑΣ. Grego. **Novum Testamentum Graece, NESTLE-ALAND**. Edited by Barbara et Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini, Bruce Metzger. Editione Vicesima septima revisa. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995. Cap. 3, vv.1-5 (NESTLE-ALAND)

6.2. Dicionários e Manuais

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1994.

LIDDEL & SCOTT. **Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press. 1997.

SMITMANS, Adolf. Los métodos exegéticos en un ejemplo tomado del Nuevo Testamento: Ap. 14. In: SCHREINER, J. et alii. **Introducción a los métodos de la exégesis Bíblica**. Barcelona: Herder. 1974. p.195-252.

ZIMMERMANN, Heinrich. Formas y gêneros literários en el NT. In: SCHREINER, J. et alii. **Introducción a los métodos de la exégesis Bíblica**. Barcelona: Herder. 1974. p.299-334.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 1998.

6.3. Textos Gerais

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. **Critérios Teológicos e Literários para a Leitura da Bíblia**. 2005. Disponível em <www.ouviroevento.pro.br>. Acessado, pela última vez, em 22 de junho de 2010.